



“Quilombolas mandou me chamar... vamo lá, vamo lá”! I caravana quilombola da zona da Mata mineira”

“Quilombolas called me...let’s go, let’s go!” I agroecological “pilgrimage” in quilombola communities in zona da mata mineira

PASINI, Isabela Leão Ponce; MARACCI, Marilda Teles; FONTES, Roberta Brangioni; BARBOSA, Sara Gonçalves; SILVA, Julius Keniata Nokomo Alves
Universidade Federal de Viçosa (UFV), belapasini@yahoo.com.br; profmarildamaracci@gmail.com; betabrangioni@yahoo.com.br; sarabarbosa88@gmail.com; julius.silva@ufv.br.

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Resumo: O presente artigo relata a organização e realização da I Caravana Quilombola da Zona da Mata de Minas Gerais que teve como tema “Soberania e Segurança Alimentar nos Territórios” e aconteceu entre os dias 26 e 28 de setembro de 2018, envolvendo o movimento quilombola da região, organizado através da Rede Sapoqui e materializado pelo Projeto Caravana Quilombola (Chamada CNPq/MCTIC Nº 016/2016). A experiência gerou visibilidade para as comunidades quilombolas, fortalecendo o movimento na região e fortalecendo a Agroecologia através do tema Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

Palavras-Chave: comunidades quilombolas; segurança e soberania alimentar e nutricional, Caravana.

Keywords: quilombolas communities; food sovereignty and security; Agroecological “pilgrimage”.

Contexto

Desde 2015 a Caravana Quilombola vinha sendo sonhada e, assim, gestada a partir da organização do movimento quilombola da região - a Rede Sapoqui (Rede de Saberes dos Povos Quilombolas). Faz parte da tradição do povo da região Zona da Mata Mineira fazer romarias, caminhadas e caravanas. O sonho da Caravana Quilombola tem relação direta com essa tradição e teve forte estímulo vindo das suas participações nas Caravanas Agroecológicas e da Caravana do Rio Doce (crime de Mariana). Esse sonho encontrou sua materialização através do Projeto Caravana Quilombola (Chamada CNPq/MCTIC Nº 016/2016) que tem o tema do alimento como “dedo de prosa” para debatermos três eixos temáticos importantes: a Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional (SSAN), a Identidade e Direitos Quilombolas e a Agroecologia, visando o fortalecimento das comunidades na Zona da Mata Mineira.

As caravanas vêm sendo utilizadas pelo movimento agroecológico brasileiro e permitem através dessa experiência coletiva, ao mesmo tempo, identificar os problemas chaves e os caminhos para suas resoluções. Parte-se da ideia de que se há desafios nos territórios, há também potencialidades que podem contribuir para superá-los (CRUZ et al, 2015). Esse diagnóstico e aprendizado se realizam



principalmente pelo intercâmbio entre as comunidades e da vivência dos participantes, guiado por um tema central e pelo olhar sobre as Denúncias (problemas, desafios) e Anúncios (possibilidades, resoluções, saídas), inspirados na *práxis* freireana. Sabemos que nesses territórios, há várias denúncias e anúncios que configuram a realidade dessas comunidades. Dificuldades de titulação territorial, portanto de acesso às políticas públicas e de soberania nos territórios; conflitos gerados pelo agronegócio e perda de grande parte de seus territórios ancestrais; racismo; êxodo da juventude, compõem o rol de denúncias, entre outros. Considerando os anúncios, na Zona da Mata Mineira, como bem escreveu Leonardo Carneiro: *grande conhecimento etnobotânico e etnofarmacológico; produção de grande diversidade de alimentos; existência de festas e manifestações culturais particulares; recente (e crescente) articulação política entre elas* (CARNEIRO; 2016). Entendemos as comunidades negras rurais como as chamadas “terras de preto”, “mocambos”, “quilombos”, comunidades que se territorializaram a partir do declínio das grandes fazendas escravocratas e que conformam uma “constelação de pequenas unidades produtivas, autônomas, baseadas no trabalho familiar, na cooperação simples entre diferentes grupos domésticos, e no uso comum dos recursos naturais” (ALMEIDA, 1989). A Caravana acontece então com o intuito de levantar os problemas e potencialidades das/ nas comunidades quilombolas, auxiliar na promoção da visibilidade e articulação entre as mesmas e fomentar debates em torno da soberania e segurança alimentar e nutricional, da Agroecologia e da identidade e dos direitos quilombolas.

Descrição da Experiência

É a partir desse contexto que se configura o cenário para a preparação e realização da Caravana Quilombola da Zona da Mata que aconteceu em Viçosa e região do dia 26 a 28 de setembro de 2018 com o tema – “Soberania e Segurança Alimentar nos Territórios, rumo a festa do Rosário” em Airões e contou com a participação de quilombolas, movimentos sociais, pesquisadores/as, professores/as, estudantes. A caravana visitou comunidades negras rurais e urbanas de Viçosa: Buieié, Cachoeira de Santa Cruz (Cachoeirinha), São José do Triunfo (Fundão), Rua Nova, Rebenta Rabicho. Em Paula Cândido: Chácara e Córrego do Meio (Airões). Essas comunidades conformaram três rotas a partir do recorte territorial: Rota Pipoca, Rota Feijoada e Tutu de Fubá; nomes atribuídos a partir da tradicionalidade destes alimentos.

Partindo do envolvimento com e entre as comunidades, foi possível fazer um levantamento aproximado de suas realidades, articulando-as com a proposta da caravana que tem o alimento como “dedo de prosa” em suas dimensões: ambiental, político-organizativa e comunitária, produtiva e econômica, cultural, focando em duas questões centrais: Há falta de soberania e segurança alimentar nos territórios? Quais as potencialidades do território para a superação dos desafios relacionados à insegurança alimentar e falta de soberania? A experiência metodológica da Caravana surge no movimento agroecológico da região e permite a realização concomitante de ações de pesquisas, ensino e extensão, e se aproximam das ditas excursões



pedagógicas ressaltadas por Makarenko (2005). A primeira caravana agroecológica e cultural foi construída na Zona da Mata, a partir da experiência do Programa Teia de Extensão Universitária da UFV como parte de uma série de caravanas realizadas no Brasil como preparativo do III ENA. A partir destas caravanas diversos grupos e projetos passaram a utilizá-las em suas metodologias de projeto, a exemplo do Projeto Comboio Agroecológico do Sudeste, uma rede de núcleos de agroecologia da região Sudeste (edital 81/2013 CNPq e vários ministérios, <https://agroecologiasudeste.wordpress.com>). O projeto Caravana Quilombola se teceu entre os sonhos dos sujeitos envolvidos, o edital CNPq/MCTIC Nº 016/2016 e suas trajetórias de envolvimento com a temática. Foi nesse caruru de sonhos, intenções e temperos que o projeto teve início em 2017 junto à Rede Sapoqui que se tornou o fórum privilegiado de construção e realização desse projeto. Nas etapas que compõem a metodologia caravana (preparação, realização, avaliação e sistematização) os componentes da pesquisa, ensino e extensão se apresentam indissociáveis. Na primeira etapa a preparação se realiza junto da dinâmica da Rede, aproveitando as reuniões e definindo os horizontes das ações. O momento inicial foi o de desenhar a Caravana: as rotas, os/as participantes, os dias e atividades. O entendimento foi o de realizarmos mais de uma caravana na região a partir da rede de movimentos envolvidos, unindo movimento negro e agroecológico na sua construção, sendo a primeira caravana, a que envolve as comunidades negras rurais locais da/na microrregião de Viçosa. Iniciamos o processo de articulação e identificação de questões chaves com o olhar principal sobre a temática da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN). Foram realizadas visitas às comunidades através das suas lideranças, momento esse que chamamos de “Abre Caminhos”. Concomitantemente, fomos construindo a programação de cada dia, organizando a parte da infraestrutura e metodológica, os/as participantes permanentes das rotas das comunidades, movimentos sociais e organizações parceiras. Como fruto desse processo preparatório elaboramos o caderno do participante que é um material que situa os/as participantes com informações sobre as rotas, a temática e dinâmica da Caravana.

No dia 26 iniciamos então a I Caravana Quilombola da Zona da Mata na sede da ASPUV (Seção Sindical dos Docentes da Universidade Federal de Viçosa) com a abertura e encontro de todos os/as participantes e sua distribuição nas respectivas rotas. Agregaram-se ao todo cerca de 150 participantes, entre caravaneiro/as e moradores/as das comunidades. Junto aos participantes provenientes das comunidades quilombolas visitadas nas rotas, tivemos a presença de representantes de outras: a comunidade de Fátima - Ponte Nova; Pimenta – Orizânia; São Pedro de Cima – Divino; das organizações envolvidas na construção - Rede Sapoqui, Fórum Mineiro de Entidades Negras (Fomene), Laboratório de Estudos Territoriais (LasTerras - DGE/UFV), Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (Ecoa), Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica Ewè (NEA Ewè - UFJF), Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA) e organizações e movimentos parceiros, tanto no campo da Agroecologia, como do movimento negro e quilombola, como a ENEP (Escola Nacional de Energia Popular), MAM (Movimento pela Soberania Popular na Mineração), MAB (Movimento dos Atingidos



por Barragens) e Organização Cooperativa em Agroecologia (OCA). Cada rota teve uma ou duas antenas (pessoas responsáveis por coordenar as atividades e infraestrutura), relatores/as dos registros escritos e audiovisual. Os/as participantes foram instigados a aguçarem seus olhares para algumas questões relevantes e pertinentes ao tema da Caravana que giravam em torno de três eixos: identidade, cultura e direitos quilombolas; da Soberania e Segurança Alimentar e da Agroecologia. No último dia, houve o encontro de todas as rotas, a grande culminância. Nesse momento, a ideia era que as rotas conversassem sobre as vivências, as observações e reflexões e construíssem, cada uma, uma Instalação Artística Pedagógica (IAP). As Instalações Pedagógicas são dispositivos metodológicos que visam a troca de saberes e foram criadas no contexto histórico das práticas pedagógicas nos programas de formação do movimento sindical das décadas de 1980 e 1990 no Brasil (ALVIM, 2013). Elas se pretendem ao mesmo tempo artísticas, pois montada a partir da criatividade com o intuito de provocar sensações, e pedagógica, por ser pensada com intenções de provocar a produção coletiva de conhecimento a partir de determinados temas. Assim, o espaço das IAP's é construído a partir do acúmulo que o coletivo participante tem em relação a um tema (Comissão Troca-UFV, 2015). Cada rota construiu sua Instalação a fim de demonstrar suas vivências, os anúncios e as denúncias dessas comunidades a partir dos registros dos/as participantes realizados em seus Cadernos do Participante, suas percepções e sentimentos, foram também recolhendo elementos significativos para cada um a fim de socializar na IAP. A Caravana acabou com uma plenária aberta finalizando a socialização das Instalações. Ainda realizamos, como previsto desde sua preparação, um grande encontro na Festa do Rosário, festa tradicional do povo negro na região de devoção a Nossa Senhora do Rosário que abarca a manifestação do Congado.

Resultados

A experiência dessa caravana gerou alguns desdobramentos importantes. A comunidade de São José do Triunfo, ainda não certificada como quilombola, manifestou a vontade de se organizar para debater a certificação a partir dos estímulos da caravana. E surgiu a ideia de transformar a escola do Tico Tico, que atende as crianças da comunidade Buieié, em uma escola quilombola. A partir das demandas dessas duas comunidades (Buieié e São José do Triunfo), foram criados e aprovados dois projetos de extensão ligados à UFV com o intuito de trabalhar as identidades negra e quilombola, os direitos e a educação quilombola nesses locais. A equipe do projeto da Caravana também foi parceira na produção de uma cartilha sobre a educação das relações étnico-raciais para a rede municipal de ensino de Viçosa. Dentre outros temas, a cartilha compartilhou um pouco a experiência da Caravana, os anúncios e denúncias das comunidades quilombolas da região. Como outro aspecto positivo, podemos citar o fato de dois jovens de comunidades quilombolas terem se incorporado ativamente na equipe do projeto e estarem atuantes na construção das caravanas. Na Festa do Rosário de Airões (distrito em que se localiza a comunidade quilombola Córrego do Meio) de 2018, os participantes de várias rotas da Caravana foram especialmente convidados,



puderam estar presentes e contribuíram para que o debate sobre a soberania alimentar fosse ampliado nesse espaço tradicional de encontro e celebração da população da região. Pela primeira vez, a Festa do Rosário contou com um espaço para troca de sementes crioulas, instalação artístico-pedagógica sobre os anúncios e denúncias das comunidades visitadas, espaço de cura com terapias ancestrais e ainda foram inseridos no tradicional almoço da festa, ingredientes e alimentos mais saudáveis e nutritivos. O potencial educativo da Festa foi dinamizado.

Inseparável do debate sobre a alimentação, a Caravana levantou reflexões sobre a água, na medida em que uma das rotas dedicou-se a percorrer o caminho dos rios que abastecem uma das comunidades, conhecendo um pouco mais do Rio Turvo Limpo e Turvo Sujo, o encontro dos dois, e ainda o encontro do Turvo Limpo com o Piranga. Nessa trajetória, foi possível observar o que se passa nas águas em vários pontos do caminho: plantio de eucaliptos às margens, pastos, contaminação das águas e mortandade de peixes. Assim, a água teve também papel central nos debates e na socialização junto à população no momento das culminâncias.

Por fim, pudemos ter um panorama sobre as realidades dessas comunidades. Denúncias de racismo, preconceito e discriminação estão presentes em todas. A diminuição da prática agrícola foi outro ponto notável. O uso de agrotóxicos e as mudanças nos hábitos alimentares, gerando diversas doenças como a diabetes também foi uma tônica. Os conflitos e dificuldades internas nas comunidades também se apresentam como comuns, além da dificuldade de acesso às informações e aos direitos. Além das denúncias, muitos anúncios se apresentam como grande riqueza dessas comunidades, como a resistência na produção de alimentos, sementes crioulas preservadas, a utilização das plantas medicinais, a culinária e as receitas tradicionais e grande diversidade de manifestações culturais, como as festas de santo, o congado, a capoeira, entre outros. Os quilombolas se reconheceram e fortaleceram-se em caravana, nesse encontro com os outros “parentes”. Isso trouxe alegria, emoção, trocas, fortaleceu a identidade quilombola comum, os laços e a atuação em rede. A pesquisa trouxe mais consciência dos desafios, mas ao mesmo tempo mais força para enfrentá-los. Seguimos, portanto, em caravana, pois ainda temos muito chão pela frente.

Agradecimentos

Agradecemos ao Laboratório de Estudos Territoriais (LasTerras) do Departamento de Geografia da UFV pela realização da I Caravana Quilombola da Zona da Mata; agradecemos ao CNPq - chamada 016/2016 - pelo financiamento deste projeto. Demonstramos nossa gratidão pela Rede Sapoqui que mantém em articulação as comunidades quilombolas da Zona da Mata. Especialmente, agradecemos às comunidades participantes da Caravana que nos receberam e acolheram com tanto afeto e nos permitiram sonhar juntos com comunidades livres de qualquer forma de opressão.



Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Terras de preto, terras de santo e terras de índio – uso comum e conflito. **Cadernos NAEA**. Belém: UFPA/NAEA, vol.10, p.163-196,1989.

ALVIM, Mayara H. Instalações Pedagógicas: Experimentos de um conceito em construção. 2013. 34f. **Monografia** (Bacharel e Licenciatura em Dança) - Curso de Dança. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2013.

CARNEIRO, Leonardo de Oliveira. APRENDENDO E ENSINANDO COM A EXTENSÃO: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UMA GEOGRAFIA ENGAJADA. **Anais**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016.

Comissão Coordenadora da Troca de Saberes/UFV. **Instalação Artística Pedagógica (IAP'S)**: 10 orientações para bem construí-la e utilizá-la. Orientações aos participantes. Viçosa. 2015.

CRUZ, Nina A.C. et al. Caravana agroecológica e cultural da zona da mata – MG: rumo ao III ENA – Encontro Nacional de Agroecologia. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236- 7934 – Vol 10, Nº 3 de 2015. Projeto COMBOIO AGROECOLÓGICO DO SUDESTE, edital 81/2013, CNPq. Projeto Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional em Comunidades Negras Rurais e Quilombolas Chamada CNPq/MCTIC Nº 016/2016.